

A REVOLUÇÃO COPERNICANA NA FILOSOFIA DE KANT: BREVES CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO DA *CRÍTICA DA RAZÃO PURA*

Felipe Alves da Silva¹

Resumo: A obra de Kant é considerada um marco, ou divisor de águas, para a filosofia moderna. No prefácio da segunda edição da *Crítica da Razão Pura*, Kant busca, nos moldes da revolução proposta por Copérnico na astronomia, estabelecer uma revolução completa no pensamento filosófico, de modo a encontrar um caminho seguro para a metafísica, fazendo com que, em seus termos, ela não mais fique no mero tateio. O termo Revolução Copernicana diz respeito a uma analogia que Kant faz com a proposta de Copérnico, na passagem do antropocentrismo para o heliocentrismo, em que o mesmo poderia ser aplicado na metafísica, deslocando o sujeito da periferia do conhecimento para colocá-lo no centro. Trata-se, portanto, de uma proposta de inversão da metodologia predominante até o período a qual Kant está inserido, em que não mais o sujeito se regulará pela natureza do objeto, mas este que irá regular-se pela natureza do sujeito do conhecimento. O presente trabalho tem por finalidade apresentar, ainda que minimamente, uma breve introdução à essa inversão metodológica proposta por Kant, mesmo sem qualquer pretensão de aprofundamento ou esgotamento da discussão.

Palavras-chave: Kant; Revolução Copernicana; inversão metodológica; metafísica.

Abstract: Kant's work is considered a milestone, or watershed, for modern philosophy. In the preface to the second edition of the *Critique of Pure Reason*, Kant seeks, along the lines of the revolution proposed by Copernicus in astronomy, establish a complete revolution in the philosophical thought to find a safe way to metaphysics, causing it to no longer be, in his terms, in the mere groping. The term Copernican Revolution refers to an analogy that Kant makes with the proposal of Copernicus, in the passage of anthropocentrism to heliocentrism, in which the same could be applied in metaphysics, shifting the subject from the periphery of knowledge to put it in the center. Therefore, it is a proposal to reverse the prevailing methodology to the period to which Kant is inserted, in which not the subject must be governed by the nature of the object, but that it will be governed by the nature of the subject of knowledge. This work aims to present, even minimally, a brief introduction to this methodological reversal proposed by Kant, without any pretense of deepening or exhaustion of the discussion.

Keywords: Kant; Copernican Revolution; methodological reversal; metaphysics.

¹ Graduando em Direito pela Faculdade Cidade Verde (FCV) e Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Considerações iniciais

A obra de Kant é considerada um marco importantíssimo, um divisor de águas, para a filosofia moderna. No prefácio da segunda edição da obra “Crítica da Razão Pura”, Kant busca, nos moldes da revolução proposta por Copérnico na astronomia, estabelecer uma revolução completa no pensamento filosófico, de modo a encontrar um caminho seguro para a metafísica, fazendo com que ela não mais fique no mero tateio na qual se encontrava até o momento.

O termo Revolução Copernicana diz respeito a uma analogia que Kant faz com a proposta de Copérnico, na passagem do antropocentrismo para o heliocentrismo, em que o mesmo poderia ser aplicado na metafísica, deslocando o sujeito da periferia do conhecimento para colocá-lo em lugar que lhe é próprio, a saber: o centro.

Nos momentos iniciais do prefácio da segunda edição da obra, Kant chama a atenção para o fato de que a física teve o seu período de revolução só no momento em que a razão se colocou na posição de um “professor” que toma a natureza como um “aluno” e a obriga a responder as suas perguntas. A razão não vai à natureza e a estuda a partir dela mesma, mas impõe antes perguntas e a obriga a respondê-las, do ponto de vista formal. Esse *a priori* da razão, ou seja, essa primazia do sujeito ante o objeto consiste justamente no ponto crucial que garantiu a todas as ciências o seu momento de revolução.

Kant destaca que o que levou as ciências em geral a um caminho seguro, a um progresso constante e infinito, e ao sucesso foi justamente esse elemento racional, que vem do sujeito, e que é puramente formal. Verifica-se que a revolução copernicana de Kant na metafísica deverá, também, a conduzir a esse sucesso permanente, como destaca Otfried Höffe:

Kant pretende levar a metafísica “ao caminho seguro de uma ciência” (B VII). Por isso ela não pode cada vez recomeçar, mas deve avançar. Fazer progressos só é possível quando se procede conforme a um plano e se seguem metas e quando os especialistas na matéria concordam no que se refere à forma do procedimento. Mas na metafísica não existe um consenso sobre o método; por isso, ela não pode esperar nenhum progresso, apesar do esforço de dois mil anos. Na *Crítica da Razão Pura* Kant pretende fornecer esse novo método. O escrito ainda não contém a metafísica como ciência, mas sim o seu pressuposto necessário; ele é um “tratado do método” (B XXII).²

² HÖFFE, 2005, p. 41

Trata-se, portanto, de uma proposta de inversão da metodologia predominante até o período a qual Kant está inserido, em que não mais o sujeito se regulará pela natureza do objeto, mas este que irá regular-se pela natureza do sujeito do conhecimento. O presente trabalho tenta apresentar, ainda que minimamente, uma breve introdução à essa inversão metodológica proposta por Kant, ainda que sem qualquer pretensão de aprofundamento ou esgotamento da discussão.

1. A proposta de revolução ou inversão metodológica

De certa forma, a obra kantiana diz respeito a uma crítica à tradição³, havendo uma diferença crucial, em que Kant praticamente divide a metafísica em duas etapas: a sua e as propostas anteriormente. O projeto de Kant é um projeto de metafísica, ou de filosofia que fundamenta qualquer tipo de saber em nível transcendental, e isso fica evidente no seguinte trecho do prefácio da segunda edição da “Crítica à Razão Pura”:

O destino não foi até hoje tão favorável que permitisse trilhar o caminho seguro da ciência à *metafísica*, conhecimento especulativo da razão completamente à parte e que se eleva inteiramente acima das lições da experiência, mediante simples conceitos (não, como a matemática, aplicando os conceitos intuição), devendo, portanto, a razão ser discípula de si própria; é, porém, a mais antiga de todas as ciências e subsistiria mesmo que as restantes fossem totalmente subvertidas pela voragem de uma barbárie, que tudo aniquilasse. Na verdade, a razão sente-se constantemente embaraçada, mesmo quando quer conhecer *a priori* (como tem a pretensão) as leis que a mais comum experiência confirma. É preciso arrear caminho inúmeras vezes, ao descobrir-se que a via não conduz aonde se deseja; e no que respeita ao acordo dos seus adeptos, relativamente às suas / afirmações, encontra-se a metafísica ainda tão longe de o alcançar, que mais parece um terreno de luta, propriamente destinado a exercitar forças e onde nenhum lutador pôde jamais assenhorear-se de qualquer posição, por mais insignificante, nem fundar sobre as suas vitórias conquista duradoura. Não há dúvida, pois, que até hoje o seu método tem sido um mero tateio e, o que é pior, um tateio apenas entre simples conceitos.⁴

³ Não entraremos no mérito de esmiuçar as propostas anteriores, visto que a finalidade é apresentar tão-somente uma introdução ao que Kant pretende abordar no decorrer da Crítica da Razão Pura.

⁴ *KrV*, B XIV – B XV. Usar-se-á a abreviação *KrV* no decorrer do trabalho para se referir à obra clássica de Kant “Crítica da Razão Pura” (*Kritik der reinen Vernunft*). A letra “B” diz respeito à edição utilizada.

A metafísica nunca foi tão bem-sucedida quanto a matemática, a lógica e a física, pois é a mais antiga das ciências e se retrocedermos a história de modo a apurar os resultados, verificaremos que a metafísica sempre teve de retornar aos seus fundamentos e começar tudo de novo. Nunca houve um consenso entre os metafísicos sobre quais os métodos aplicar e objetos estudar. Ela é um tipo de saber racional antigo, que não teve – até o período a qual Kant está inserido – um momento em que se pudesse estipular um caminho seguro, porque sempre se apresentou muito fragmentada, de modo que facilmente pudesse constatar que haviam, antes de Kant, várias metafísicas e não uma só.

Quando Kant refere-se à metafísica como um conhecimento especulativo, percebe-se que primeiramente diz respeito a um conhecimento teórico, que transcende a experiência, isto é, inteiramente acima das lições da experiência. Então, é um conhecimento teórico que procura o seu objeto fora da experiência mediante simples conceitos, sem se referir nunca a objetos⁵. Assim sendo, de certa maneira poderíamos afirmar que o conhecimento da metafísica é puramente conceitual, nunca intuitivo ou vinculado à experiência. Portanto, é um conhecimento especulativo teórico que procura o seu objeto – ou conceitos – fora do campo empírico, no mundo transcendente. É assim que a metafísica se mostra historicamente, sendo necessário que a razão se volte ao problema e como ela poderá lidar com seus problemas ou conduzir as suas investigações a um caminho mais firme que o trilhado até então.

Um elemento fundamental no pensamento kantiano é o de que se a razão quer responder as suas perguntas sobre metafísica – ou quaisquer objetos que transcendem a experiência – ela não pode mais recorrer a uma realidade externa, mas tem de ser aluna de si mesma, isto é, procurar as respostas nela mesma. A metafísica é, pois, o saber primeiro e mais importante da razão. É um tipo de saber que está mais próximo das necessidades racionais. Entretanto, surge, na ocasião, um problema, porque se é o saber próprio da razão, como pode essa mesma metafísica não ter tido até o momento um único conhecimento certo? Desde quando se falou em metafísica pela primeira vez não houve avanço algum. Ora, na metafísica não se pode falar em conhecimento

⁵ Ora, dentro do colocado, se fossemos verificar um problema clássico da metafísica como a existência de Deus, por exemplo, perceberíamos que, em primeiro momento, há uma tentativa de demonstrar teoricamente sua existência, Deus consistindo em um conceito vazio em termos de experiência, e um problema que está para além da experiência possível. Ao pensar na demonstração da existência de um ser supremo, trata-se, segundo Kant, de meros conceitos para os quais nunca se encontrou objeto congruente adequado na experiência. Não podemos encontrar uma matéria que pudesse fornecer a esse conceito uma constituição positiva e real. Quando se trata de conhecimento, trata-se sempre de uma referência ao real e ao que está no espaço e no tempo. Portanto, não há como um conceito ser válido para uma ciência se para esse mesmo conceito não se tem um referencial na experiência, consistindo em mero conceito vazio e sem significado.

científico, mas sim filosófico, que seria justamente o conhecimento a partir de conceitos. Não se pode confundir objetos da filosofia – o saber filosófico metafísico prático – com ciência no sentido rigoroso: ou é ciência ou então é fé. Nesse sentido, a metafísica nunca resolverá seus problemas⁶, devendo se manter no espaço que é dela própria, a saber: no âmbito dos puros conceitos.

Quando Kant diz que a razão se sente “constantemente embaraçada, mesmo quando quer conhecer *a priori* (como tem a pretensão) as leis que a mais comum experiência confirma”⁷, certamente é uma referência direta à lei da causalidade, visto que quando se trata de descobrir essa mesma lei da causalidade enquanto um princípio já não podemos recorrer à experiência. A razão sente-se embaraçada, porque ela não tem uma resposta para a causalidade. Ainda que saibamos reconhecer o seu funcionamento em termos de fatos, questionamentos sobre o que seria esse princípio ou qual seria sua origem dizem respeito a questões filosóficas, a qual a razão não consegue explicar. É, em última análise, uma questão da metafísica, que a razão investiga – e quer conhecer – mas se sente embaraçada, ou seja, entra em dificuldades, pois não consegue explicar.

A metafísica, diz Kant, é um campo de batalha em que não há vencedor nem perdedor. Os metafísicos, cada qual pretende ter a posse da verdade quando de fato não possuem verdade alguma, ou seja, é um campo de batalha em que há disputas sobre a certeza, mas que não há conhecimento, porque antes mesmo de a metafísica completar o seu sistema de conhecimento, tem de voltar atrás e rever os seus fundamentos. Ademais, pelo simples fato de não haver unanimidade sobre o que seja um conhecimento verdadeiro na metafísica.

Ora, dentro dessa perspectiva, não se sabe que método adotar, qual rumo trilhar, ou melhor: que objeto é próprio do seu campo de saber. Assim, a metafísica está, em termos históricos, na situação de não poder se arrogar nenhum conhecimento. É justamente por esse motivo que Kant, no seguinte trecho, traz o seguinte:

É preciso arrepiar caminho inúmeras vezes, ao descobrir-se que a via não conduz aonde se deseja; e no que respeita ao acordo dos seus adeptos, relativamente às suas afirmações, encontra-se a metafísica ainda tão longe de o alcançar, que mais parece um terreiro de luta, propriamente destinado a exercitar forças e onde nenhum lutador pôde jamais assenhorear-se de qualquer posição, por mais insignificante, nem fundar sobre as

⁶ Os problemas clássicos da metafísica a qual Kant se refere, como a existência de Deus, a imortalidade da alma e a liberdade são conceitos vazios em termos de experiência, não sendo possível, então, conhecê-los seguindo a metodologia rigorosa das ciências.

⁷ KrV, B XV

suas vitórias conquista duradoura. *Não há dúvida, pois, que até hoje o seu método tem sido um mero tateio e, o que é pior, um tateio apenas entre simples conceitos.* (Grifo nosso)⁸

Percebe-se, portanto, que, no decorrer da história, a metafísica tateou às escuras entre meros conceitos, isto é, conceitos vazios, sem sentido, que não possuem matéria. As três grandes questões da metafísica, como Deus, alma e liberdade se enquadram nesse rol de conceitos sem significado, pois ela nunca conseguiu fornecer uma resposta satisfatória a essas questões, por isso é um tateio. Os problemas clássicos da metafísica como Deus, alma e liberdade jamais poderão ser conhecidos cientificamente, ainda que a razão se sinta constantemente tentada a esclarecer – ou de certa maneira conhecer – esses problemas. Aliás, a própria razão pura como sujeito do conhecimento não pode se autoconhecer cientificamente. A razão é pressuposta como necessária e que está a fundamento de todo conhecimento, mas não poderemos nunca saber como ela é cientificamente. Não há verdade sobre esses pontos, haja vista que dizem respeito a simples conceitos sem quaisquer referenciais na experiência.

Diante do exposto, voltamos ao seguinte questionamento: como pode a metafísica ser o campo de maior interesse da razão e mesmo assim ela nunca conseguir provar uma verdade sequer? Essa é uma pergunta fundamental para Kant, e sua resposta está ligada ao fato de que a metafísica talvez não seja – e talvez nunca possa ser – um verdadeiro conhecimento. Talvez a metafísica seja um tipo de saber que não possa realmente demonstrar nenhuma verdade empiricamente.

Assim, a grande questão é analisar o que há de errado com a metafísica, ou seja, buscar respostas do porquê de a razão não conseguir conduzir a metafísica a um caminho seguro de ciência. É preciso, portanto, resolver o problema da metafísica radicalmente, a partir da razão pura, sendo a chave para a solução desse problema justamente a Revolução Copernicana.

Kant não quer repetir o mesmo caminho trilhado pelos metafísicos tradicionais, sendo necessário, então, revolucionar a metafísica. Em última instância, essa é a proposta de Kant, a saber: formular um novo modelo de metafísica. Para atingir essa finalidade, será preciso uma revolução nos mesmos moldes da perpetrada na lógica, na matemática, na física e assim por diante, como enfatiza Hölffe:

A exemplo de três disciplinas universalmente reconhecidas até hoje como ciências, a lógica, a matemática e a ciência natural, Kant mostra como se descobre o caminho seguro da ciência. O caso mais simples é o da lógica. Visto que ela investiga nada mais que as “regras formais de todo o pensamento” (B IX), ela

⁸ KrV, B XV

segiu “desde os tempos mais remotos” (B VIII), nomeadamente desde Aristóteles, o caminho seguro da ciência. Como nela o entendimento “só se ocupa de si mesmo e de sua forma”, a lógica é simplesmente o “vestíbulo das ciências” (B IX) e desempenha na crítica da razão o papel de padrão negativo para as ciências reais. As ciências reais também se ocupam de objetos. Após uma fase de “andar às cegas”, elas encontram o caminho seguro da ciência “graças à intuição feliz de um só homem”. Essa intuição fundadora da ciência consiste em “uma revolução no modo de pensar” (B XI).⁹

Kant dirá que essas revoluções devem servir de exemplo para a metafísica, como fica evidente no seguinte trecho:

Devia pensar que o exemplo da matemática e da física que, por efeito de uma revolução súbita, se converteram no que hoje são, seria suficientemente notável para nos levar a meditar na importância da alteração do método que lhes foi tão proveitosa e para, pelo menos neste ponto, tentar imitá-las, tanto quanto o permite a sua analogia, como conhecimentos racionais, com a metafísica.¹⁰

Georges Pascal, comentando o pensamento de Kant, chama a atenção que houve, também, uma revolução quando Torricelli ou Galileu, “em lugar de se guiarem docilmente pela experiência, acumulando observações esparsas, começaram a interrogar a natureza segundo as exigências da razão, logrando assim descobrir-lhe as leis”¹¹ compreenderam que:

[...] a razão só entende aquilo que produz segundo os seus próprios planos; que ela tem que tomar a dianteira com princípios, que determinam os seus juízos segundo leis constantes e deve forçar a natureza a responder às suas interrogações em vez de se deixar guiar por esta; de outro modo, as observações feitas ao acaso, realizadas sem plano prévio, não se ordenam segundo a lei necessária, que a razão procura e de que necessita. A razão, tendo por um lado os seus princípios, únicos a poderem dar aos fenômenos concordantes a autoridade de leis e, por outro, a experimentação, que imaginou segundo esses princípios, deve ir ao encontro da natureza, para ser por esta ensinada, é certo, mas não na qualidade de aluno que aceita tudo o que o mestre afirma, antes na de juiz investido nas suas funções, que obriga as testemunhas a responder aos quesitos que lhes apresenta.¹²

⁹ HÖFFE, 2005, p. 41-42

¹⁰ *KrV*, B XVI

¹¹ PASCAL, 2003, p. 35

¹² *KrV*, B XIII

Para promover sua própria revolução, a metafísica deve se fazer valer do método dessas outras ciências, ou seja, o modo da razão lidar com seus objetos; a maneira de se fazer ciência. Todavia, cumpre salientar que isso não necessariamente quer dizer que a metafísica possa imitá-las e tornar-se ciência, pois isso não seria possível, visto que seus objetos transcendem a experiência. Porém, a metafísica pode ao menos imitar essas ciências no que concerne à metodologia, alterando o modo de lidar com seus objetos. Nesse sentido, adotando a criação de um novo método talvez a metafísica atinja de fato algum sucesso. Doravante, tem-se o ponto crucial da filosofia de Kant:

Até hoje admitia-se que o nosso conhecimento se devia regular pelos objetos; porém, todas as tentativas para descobrir *a priori*, mediante conceitos, algo que ampliasse o nosso conhecimento, malogravam-se com este pressuposto.¹³

Até o período na qual Kant está inserido, não apenas as ciências, mas o modo de se fazer ciência – incluindo a própria filosofia e metafísica – se orientavam pelo modelo em que o sujeito do conhecimento se regulava pela natureza do objeto. Esse é um ponto extremamente importante, porque a partir dessa relação sujeito-objeto e da primazia do objeto em relação ao sujeito tem-se a compreensão de todo o método tradicional – anterior à Kant –, um paradigma, um modelo de se fazer ciência e metafísica. Deste modo, o sujeito precisa compreender, ou se orientar, pela natureza das coisas, ou seja, a razão tem que se regular não a partir de suas formas, mas a partir do próprio mundo e seus objetos, e apreender deles o que ela tem que construir ou elaborar em conhecimento. Em outras palavras, a razão possui um caráter meramente passivo, devendo aprender o que a natureza lhe ensina.

As consequências do modelo tradicional no âmbito da metafísica indicam que se a razão se orientar pelos objetos em si mesmos, ela cairá em contradição. Nessa perspectiva, querer conhecer a Deus, por exemplo, como um ser real e ter de se regular por esse objeto para conhecê-lo, na medida em que esse objeto não é dado à razão, ela entra em clara contradição. Em outras palavras, o método tradicional nos dizia que o sujeito tem que se regular pela natureza, pelo mundo, pela realidade em si, visto que seria ela que dita as regras e o sujeito as aprende. A razão é passiva, secundária, e se ajusta ao conhecimento, pois este já vem – de certa maneira – previamente elaborado, fazendo com que a razão, na melhor das hipóteses, só precisa organizar o conhecimento, porque o que garante que esse mesmo conhecimento seja

¹³ KrV, B XVI

conhecimento – quem dita as regras – é a realidade em si. A natureza humana racional só tem que compreender.

2. Sujeito/objeto: os efeitos da proposta de mudança na metodologia

Destarte, Kant apresenta a noção da tradição de que o sujeito deveria se regular pela natureza do objeto, em que a razão não é a autora, mas sim a receptora do conhecimento. É a experiência, portanto, que dita as regras do que podemos ou não conhecer, sendo necessário uma inversão de método – a “Revolução Copernicana” propriamente dita –, e é justamente isso que Kant irá propor. Nas suas palavras:

Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento, o que assim já concorda melhor com o que desejamos, a saber, a possibilidade de um conhecimento *a priori* desses objetos, que estabeleça algo sobre eles antes de nos serem dados.¹⁴

Kant chama a atenção para o fato de que o problema paira sobre essa questão de método, em que talvez a metafísica poderia ser bem-sucedida se ela mudar a maneira de conceber esse modelo de conhecimento. Tem-se uma hipótese em que se supõe que não seria a natureza do objeto que determina ou regula todo o conhecimento, mas sim que o sujeito faça isso. Todo conhecimento se regularia pela natureza do sujeito e não o contrário, o que concordaria com o *a priori*, ou seja, com o conhecimento universal e necessário. Se o conhecimento se regular não pela natureza em si, mas pelo sujeito, então haveria um elemento favorável ao *a priori*, uma vez que a razão teria mais facilidade de explicar a possibilidade desse conhecimento. Sobre esse ponto Höffe comenta:

Para que também a metafísica alcance finalmente a dignidade de uma ciência, Kant propõe que ela faça igualmente uma revolução em seu modo de pensar, uma revolução que coloque, como no caso da matemática e da ciência natural, o sujeito cognoscente numa relação criadora com o objeto.¹⁵

¹⁴ KrV, B XVI

¹⁵ HÖFFE, 2005, p. 43

É realizada uma inversão metodológica para mostrar que talvez se possa resolver o problema da metafísica modificando o modo de se relacionar com o objeto. O sucesso que Kant pretende tornar possível depende dessa revolução, ou inversão. Destarte, a razão não mais deve se orientar pelos objetos, mas deve se orientar a partir dela mesma. Isto posto, Kant chamará atenção para a semelhança entre o que ele propõe e a revolução proposta por Copérnico (*cf.* *KrV*, B XVII).

Trata-se aqui de uma *semelhança com a primeira ideia de Copérnico*, não podendo prosseguir na explicação dos movimentos celestes enquanto admitia que toda a multidão de estrelas se movia em torno do espectador, tentou se não daria melhor resultado fazer antes girar o espectador e deixar os astros imóveis. Ora, na metafísica, pode-se tentar o mesmo, *no que diz respeito à intuição dos objetos*. (Grifo nosso)¹⁶

A intuição supracitada, de certa forma significa perceber pelos sentidos, intuir se relaciona ao fato de ter o objeto presente aos sentidos. A intuição relaciona-se a perceber objetos no espaço e no tempo, e intuir significa receber objetos pelos sentidos. Antes da proposta de Kant, tudo o que conhecíamos tinha como ponto de partida a realidade. Todo e qualquer objeto de conhecimento provinha da realidade em si, fazendo com que essa realidade ditasse as regras, na medida em que afetava ao sujeito, todo o conhecimento se conformando à própria realidade.

Nesse sentido, a proposta de Kant é justamente o contrário, trazendo a noção de que as formas dos objetos não estão nos objetos em si, mas na razão. Assim, o mundo como é conhecido ou percebido pelos sentidos não é como em si mesmo, mas sim como os indivíduos o representam, a partir das suas próprias capacidades, isto é, da estrutura formal da mente.

Ainda no que concerne a essa passagem, Paul Guyer comenta:

Em outros termos, Kant demonstra que se assumirmos que as formas básicas de nossas intuições e conceitos de objetos, isto é, suas representações sensoriais e organização conceitual, são derivadas de nossa experiência a partir de objetos dados, então nosso conhecimento deles nunca será mais do que a posteriori, sendo, assim, contingente e limitado. Entretanto, se podemos encontrar formas fundamentais para a representação sensorial e a organização conceitual dos objetos no interior da estrutura de nossas próprias mentes, então podemos também compreender que nada pode se tornar um objeto de conhecimento para nós, exceto por intermédio dessas formas, e, portanto, que essas formas são necessária e universalmente

¹⁶ *KrV*, B XVII

aplicáveis aos objetos do nosso conhecimento – ou seja, que são sintéticas a priori. (Tradução nossa)¹⁷

Levando a argumentação adiante, em se tratando de um triângulo, por exemplo, Kant diria que a percepção, a representação triângulo que o sujeito tem não é semelhante ao triângulo em si, mas é um projeto da razão, em que surge a partir de uma construção da razão *a priori*. Mesmo os fenômenos, que são os objetos empíricos, não são semelhantes às próprias coisas, mas essas percepções dos sentidos são na verdade projeções – ou “criações” – da mente. Dessa maneira, não são semelhantes ao mundo empírico. Os fenômenos são representações da intuição empírica, porém são projeções, representações não conformes às coisas em si. A razão só pode conhecer *a priori* na matemática, por exemplo, não porque ela se volta para a realidade em si, mas por que ela reconhece na própria matemática o universal e o necessário a partir de uma perspectiva formal dela mesma. Esta é a revolução propriamente dita, isto é, uma inversão na maneira de se conhecer.

A “primeira ideia” ou “experimento” (Bxvi – xvii) de Copérnico é representado como forma de explicação da observação do movimento dos “corpos celestes” apelando para o movimento do observador. De maneira semelhante, a sugestão é a de que podemos experimentar a partir da suposição de que o conhecimento a priori é possível devido a características do conhecedor. Tanto os casos científicos quanto os casos filosóficos compartilham uma referência a dois pontos de vista distintos (Bxviii, *von zwei verschiedenen Seiten betrachtet*), bem como a mudança de um ponto de vista para outro (Bxxiii, *eine Umänderung der Denkart*, “uma revisão ou inversão na nossa maneira de pensar”). (Tradução nossa)¹⁸

¹⁷ No original em inglês: In other words, Kant argues, if we assume that the basic forms of our intuitions and concepts of objects, that is, of their sensory representations and conceptual organization, are derived from our experience of given objects, then our knowledge of them will never be more than a posteriori, thus contingent and limited, but if we can discover fundamental forms for the sensory representation and conceptual organization of objects within the structure of our own minds, then we can also know that nothing can ever become an object of knowledge for us except by means of these forms, and thus that these forms necessarily and universally apply to the objects of our knowledge – that is, that they are synthetic a priori. (GUYER, 2006, p. 49-50).

¹⁸ No original em inglês: Copernicus’s “first thought” or “experiment” (Bxvi-xvii) is represented as explaining the observed movement of “heavenly bodies” by appealing to the motion of the observer. In a similar way, the suggestion is, we might experiment with the supposition that a priori knowledge is due to features of the knower. The scientific and the philosophical cases share a reference to two different standpoints (Bxviii, *von zwei verschiedenen Seiten betrachtet*) and a change from one point of view to another (Bxxiii, *eine Umänderung der Denkart*, “a revision or reversal in our way of thinking”). (BIRD, 2006, p. 30-31).

A partir da proposta de Kant, portanto, a razão não vai à natureza, ou melhor, não mais se deixa guiar pela natureza, mas, pelo contrário, faz com que essa se mostre concordante ao que previamente se imaginou *a priori*, segundo os princípios da razão. O mundo é composto de representações¹⁹, que são percebidas pela razão a partir da estrutura formal própria do sujeito. Se coloca, então, o elemento formal nos objetos, ou, em termos kantianos, “só conhecemos *a priori* das coisas o que nós mesmos nelas pomos”²⁰.

Os fenômenos são representações da intuição²¹ empírica, que são projeções de nossa razão. As formas dos objetos são contribuições da nossa mente, isto é, o mundo não é como ele é em si mesmo, mas como projeções da nossa razão. Nesse sentido, com relação à intuição dos objetos, há, agora, uma mudança total: o objeto se regula ao sujeito do conhecimento. Este se mostra como o legislador e a natureza, por sua vez, se move em seu entorno. O sujeito impõe à natureza as suas leis, e essa é a mudança de paradigma que Kant propõe que façamos na metafísica.

Considerações finais

Dentro do exposto, quando se fala em “revolução copernicana” na metafísica, trata-se apenas de uma analogia – e esse é o ponto central –, isto é, a revolução copernicana na filosofia de Kant é semelhante a que Copérnico realizou na astronomia. Só há uma relação de semelhança, não havendo a necessidade estrita de compreender em que consistiria o geocentrismo ou heliocentrismo, porque ela é tomada como uma metáfora, uma alegoria. A pretensão de Kant, portanto, é realizar, à semelhança do que fez Copérnico, o mesmo na metafísica, e, como ressalta Paul Guyer, essa analogia “parece ser apenas no sentido de que, na filosofia, como na astronomia, o progresso às vezes requer uma inversão radical dos pressupostos tradicionais” (tradução nossa²²).

Se a metafísica nunca deu certo porque a razão se regulava pelos objetos – não conseguindo explicar a existência de Deus e assim por diante – é preciso que ela olhe primeiro para o sujeito e tome-o como fixo para verificar se, a partir desse novo método, a metafísica poderia vir a ser bem-sucedida.

¹⁹ A natureza é constituída por fenômenos, porém, embora seja composta de representação, não deixa de ser um mundo real.

²⁰ KrV, B XVIII

²¹ Intuir significa ter o objeto recebido pelos sentidos.

²² No original em inglês: “The analogy seems to be only that in philosophy, as in astronomy, progress sometimes requires a radical reversal of traditional assumptions” (GUYER, 2006, p. 50).

Através da revolução proposta por Kant será possível a compreensão de que as formas dos objetos não estão nos próprios objetos, mas são elas contribuições da razão para a constituição do objeto. Em outros termos, o mundo como é percebido pelos sentidos não é como ele é em si mesmo, mas como o homem o representa a partir da estrutura formal da sua mente, das suas capacidades.

Ora, talvez só através dessa ruptura com a tradição haverá a possibilidade de se compreender como seria possível um conhecimento *a priori* sobre os objetos. Só se pode compreender os elementos *a priori* dos objetos não a partir deles mesmos, mas a partir do que o sujeito coloca nos objetos. E é justamente levando isso em consideração que Höffe dirá que a “revolução copernicana de Kant significa que os objetos do conhecimento objetivo não aparecem por si mesmos, mas eles devem ser trazidos à luz pelo sujeito”²³.

Assim, Kant entende que, com relação à intuição dos objetos, há, nesse ponto, uma completa alteração na maneira de pensar. Se antes todo o conhecimento se regulava pelo objeto, agora todo o objeto se regula pela natureza da percepção humana. A revolução copernicana diz respeito justamente a essa inversão metodológica. Dentro dessa perspectiva, a razão só conhece o que ela mesma empresta ou impõe à natureza ou ao objeto. Assim, a razão só reconhece o formal que é dela mesma segundo o qual ela organiza tanto os objetos quanto os conceitos, quanto a sua própria natureza. Então, esse *a priori* formal é que é a condição do reconhecimento da razão das ciências.

Em vista disso, Kant indica que o que se pretende com a obra é realizar um tratado do método, em que se substitui “a ideia de uma harmonia entre o sujeito e o objeto (acordo *final*) pelo princípio de uma submissão *necessária* do objeto ao sujeito”²⁴. Ainda nessa linha, Deleuze brilhantemente destaca:

A descoberta essencial é que a faculdade de conhecer é legisladora ou, mais precisamente, que há algo de legislador na faculdade de conhecer. (De igual modo, algo de legislador na faculdade de desejar.) Assim, o ser dotado de razão descobre em si novos poderes. A primeira coisa que a revolução copernicana nos ensina é que *somos nós que comandamos*. Há aqui uma inversão da antiga concepção da Sagesa: o sábio definia-se de uma certa forma pelas suas próprias submissões, de uma outra forma pelo seu acordo «final» com a Natureza. Kant opõe à sagesa a imagem crítica: nós, os legisladores da Natureza. (Grifo nosso)²⁵

²³ HÖFFE, 2005, p. 45

²⁴ DELEUZE, 2000, p. 21

²⁵ *Ibidem*, p. 22

Dessa forma, Kant propõe que se faça, portanto, uma inversão metodológica, semelhante à proposta de Copérnico, para mostrar que talvez os problemas próprios da metafísica poderiam ser solucionados, desde que fosse modificada a maneira de o sujeito do conhecimento se relacionar com o objeto. O sucesso que Kant pretende tornar possível depende inteiramente dessa revolução.

Doravante, a razão não mais deve orientar-se pelos objetos, mas deve se orientar a partir dela mesma (*cf. KrV*, B XVII), de forma a encontrar um caminho seguro para a metafísica, para que esta não mais se encontre no mero tateio. Partindo de um ponto em específico do prefácio da segunda edição da obra “Crítica da Razão Pura”, o presente trabalho buscou apresentar, de forma muito breve e introdutória, um pouco a respeito da proposta de inovação metodológica apresentada por Kant e a sua importância para o estudo da história da filosofia moderna.

Referências bibliográficas:

ALLISON, Henry E. **Kant’s transcendental idealism**: and interpretation and defense. – Rev. and enl. ed. p. cm. – New Haven and London: Yale University Press, 2004.

BIRD, Graham. **The revolutionary Kant**: a commentary on the Critique of pure reason. 1. ed. p. cm. – Chicago and La Salle, Illinois: Open Court, 2006.

DELEUZE, Gilles. **A filosofia crítica de Kant**. Tradução de Germiniano Franco. – Lisboa: Edições 70, 2000.

GUYER, Paul. **Kant**. p. cm. (Routledge philosophers). 1. ed. – New York: Routledge, 2006.

HÖFFE, Otfried. **Immanuel Kant**. Tradução de Christian Viktor Hamm, Valerio Rohden. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto Dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão. 5ª ed. Coimbra: Fundação Calouste, 2001.

PASCAL, Georges. **O pensamento de Kant**. Introdução e tradução de Raimundo Vier. 8ª edição. – Petrópolis: Editora Vozes, 2003.